



## A HISTÓRIA DA ARTE NO ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: UMA ANÁLISE DA OBRA DE BISPO DO ROSÁRIO.

Ludmyla Laurentino da SILVA (UNEMAT)<sup>1</sup>

**Resumo:** Diante da crescente onda de intolerância racial que concernem a todos os âmbitos da sociedade, esta pesquisa ressaltava algumas inquietações voltadas ao ensino de história da cultura afro-brasileira e africana, contextualizo as transformações na produção historiográfica através da Escola dos Annales, que impacta as novas pesquisas na área da História Cultural, nesse processo o ensino de História ganha importantes contribuições a partir da História da Arte e a conexão entre História e Loucura. Aqui enfocamos a análise de como o artista plástico negro Arthur Bispo do Rosário é trabalhado no livro didático *Percursos da Arte* (MEIRA; PRESTO; SOTER. 2016), com objetivo de combater a qualquer forma de intolerância racial e a retomada do protagonismo negro na constituição da história do Brasil.

**Palavras-chave:** História da Arte. Cultura Afro-brasileira. Bispo do Rosário.

**Abstract:** In front of with the growing wave of racial intolerance that concerns all spheres of society, this research emphasizes some concerns focused on the teaching of the history of Afro-brazilian and African culture, contextualize the transformations in historiography production through the Annales school, That impacts the new research in the area of Cultural history, In this process, the teaching of history gains important contributions from the history of art and the connection between history and madness. Here we focus on the analysis of how the black plastic artist Arthur Bispo do Rosário is worked in the didactic books of art “*Art toolpaths*” (MEIRA; PRESTO Soter. 2016), with the aim of combating any form of racial intolerance and the resumption of black protagonism in the constitution of Brazilian history.

**KEYWORDS:** Art History. Afro-Brazilian culture. Bispo do Rosário.

Para compreender como as discussões acerca do ensino de História foram importantes para ampliar as áreas de pesquisas que legitima o presente artigo, insiro Elza Nadai que trabalha “O lugar social da História como disciplina escolar” (1993; p. 144) expondo a crise historicista que modifica a produção científica com um olhar otimista, pois obrigou os historiadores a criticar o modelo tradicional, as teorias e metodologias do ensino científicista. Vale ressaltar que a História como disciplina escolar surgiu no século XIX, na França, unindo duas tradições o discurso enciclopédico e a concepção positivista. No Brasil só a partir do regulamento de 1938 inseriu os estudos históricos no currículo a partir da sexta série, a influência francesa era eminente.

---

<sup>1</sup> Graduanda em história pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres – MT, Brasil, membro do projeto de extensão “Axé pra quem é de Axé” sob a orientação da Prof. Dr. Fernanda Martins da Silva; e-mail: ludylaurent.98@gmail.com.



A História inicialmente estudada no Brasil reconhecia a Europa ocidental como a verdadeira história das civilizações, a história da pátria surgiu no contingente e o número de aulas era diminuto tinham como base de estudo as biografias de homens ilustres e memorização de datas e batalhas, a preocupação com a constituição de nacionalidade esteve sempre presente tornou-se mais visível na introdução dos estudos de “educação cívica e moral da pátria”. A aceitação da História como disciplina curricular dentro dos ginásios oficiais em São Paulo não foi tranquilo a argumentação dos defensores do caráter positivo e cientificista afirmavam que a História não era ciência, portanto não poderia ser introduzida como disciplina, porém esta posição foi vencida através do decreto 293 de 22/05/1895.

A História Universal e História do Brasil após ser regulamentada e inserida no currículo dos ginásios do estado de São Paulo como afirma Nadai cumpria a seguinte ordem: iniciava no terceiro ano com a “Arqueologia pré-histórica”, o quarto ano era destinado à Idade Média, no quinto ano focalizava-se na História Moderna, no sexto ano estudava História Contemporânea (revolução francesa até século XIX). A presença da linearidade e o modelo positivista persistem ao deixar resquícios no ensino de História até a atualidade e é responsável pelo aspecto entediante do ensino de história que gera um desinteresse nos alunos, pois os assuntos abordados não conectam com a realidade cotidiana, portanto não instiga o sentimento de pertencentes à História, muito pelo contrário, essa história dos dominantes está longe da realidade da maioria dos alunos.

Chegou um momento em que História tradicional não atendia as novas tendências e reivindicações dos historiadores, diante desse impasse várias transformações aconteceram, para entendê-las utilizo o texto “A nova História e a História Cultural” de Valdeci Rezende Borges (2003), o autor destaca o surgimento da revista chamada Escolas dos Annales fundada em 1929, na França por Lucien Febvre e Marc Bloch que fomentou uma revolução na historiografia combatendo a história metódica/ tradicional, buscavam sair do isolamento disciplinar ampliando as áreas de estudo.

A escola dos Annales é responsável por muitas transformações e inovações na produção historiografia, organizada em fases a primeira marca a abertura dos diálogos com as ciências Humanas, Febvre se aproxima da geografia e psicologia enquanto Bloch em 1923 trabalhava o tema crença estimulado pelo sociólogo Durkheim. A segunda fase foi marcada pelo aumento do interesse pela história econômica, social e dos quantitativos, Braudel enfatizava a “dialética da duração”, Ernest Labrousse é um personagem importante na ascensão de trabalhos em durações temporal longa penetrada pelo marxismo.



Durante a terceira fase dos Annales houve o abandono gradativo de uma história global marcado pela ascensão da História Cultural das mentalidades e pela revolução documental, a busca por descontinuidades e diferenças contribuiu para estabelecer conexão entre história das mentalidades e as fontes literárias, Le Goff um medievalista retrata bem essa fase desenvolvendo pesquisas a cerca do imaginário social. No final da década de 1970 surgiu a denominada nova história cultural, que seria a quarta fase dos Annales, tendo como nome de destaque Roger Chartier, esta fase vai ser caracterizada pela retomada do papel das classes sociais e conflitos sociais e a busca por caminhos diferentes para investigação histórica, agora não mais apenas o viés economicista, mas também o cultural é de fundamental importância para a construção do saber histórico.

Em meio ao movimento dos Annales aparece a expressão “Nova História” em 1978, nasceu do ataque à história positivista. A idealização da Nova História já ecoava dentro da cabeça de historiadores por meio das críticas e sugestões que permeava o mundo acadêmico. Essas discussões culminaram em várias mudanças na historiografia atingindo o ensino de história principalmente na investigação de fontes que se multiplicou de forma positiva com a introdução do cinema, literatura, música, fotografia, pintura, esculturas, ou seja, qualquer produção humana. Todas as transformações mencionadas têm impacto neste artigo que se insere dentro do campo da História Social da Cultural.

O ensino da história e cultura afro-brasileira ganha um importante incentivo no Brasil com a implementação da lei 10639/03, sancionada pelo presidente da época Luiz Inácio Lula da Silva, contendo as seguintes demandas para o ensino fundamental e médio a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira que deverão ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras ressaltando a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira no qual o objetivo do presente trabalho encontra respaldo e traz à tona o protagonismo negro.

A disciplina de estágio supervisionado proporcionou um período de observação fundamental para perceber como a intolerância racial esta arraigada no ambiente escolar nas práticas cotidianas. Lembro que era comum ouvir insultos pejorativos que ecoavam pelos corredores e dentro das salas, a grande maioria dos alvos são os alunos negros onde a identidade africana transcende o DNA, reflexo da sociedade brasileira na qual a maior parte é negra. As inquietações perante a falta de aulas abordando as culturas afro-brasileiras e



africanas são pertinentes e através da inserção do tema há grandes chances de reduzir o preconceito fruto do desconhecimento da própria história.

Transformar o estágio em um campo de pesquisa possibilitou analisar o contexto social da escola e a partir dessa observação notar os principais problemas que podem e devem ser tema das aulas de história conciliando a teoria com a prática como defende PIMENTA E LIMA (2004), se na graduação a disciplina de África revolucionou proporcionando novas áreas de estudos, nas escolas não pode ser diferente, os alunos do ensino fundamental e médio necessita de uma aproximação com uma história que conversa com a realidade e interesse deles.

Nessa conjuntura, esta pesquisa se dedica a analisar como o artista plástico negro Arthur Bispo do Rosário é trabalhado no livro didático *Percursos da Arte* (MEIRA; PRESTO; SOTER. 2016), direcionado ao Ensino Médio. O primeiro contato com esta fonte em questão aconteceu durante as aulas de estágio I, com a orientação de escolher em meio há vários exemplares um livro didático para ministrar uma miniaula, a escolha do livro foi influenciada por dois motivos, a ilustração da capa referente à Arte e o sumário especialmente o capítulo 2 da primeira unidade denominada “*As culturas africanas*” ocupando um lugar entre “*As culturas indígenas*” e “*A cultura da Grécia Antiga*”, o diferencial foi a divisão igualitária das abordagens temáticas que difere dos convencionais manuais de história que prioriza a cultura eurocêntrica.

Destaco através da análise o espaço que “*As Culturas Africanas*” ocupam, com 18 páginas inteiramente direcionadas ao tema, mas sobretudo, porque direciona o aluno para refletir sobre a riqueza de nossa herança africana, nas primeiras páginas há uma indagação “Por que estudar as culturas africanas?” Fundamental para adentrar ao tema explicando alguns termos como “*Diáspora Africana*” e “*Religiões Afrodescendentes*”, ao longo do capítulo aparece esculturas, pinturas, abordagens sobre memórias e danças, mantendo conexões entre passado e presente “*A arte afro-brasileira hoje*”, as atividades contidas no livro incentiva a reflexão e não carregam o peso de respostas prontas explorando a subjetividade individual.

Partindo dessa perspectiva, damos especial enfoque a Bispo do Rosário (1909 – 1989), artista plástico pouco conhecido no Brasil e reconhecido internacionalmente, sua obra emerge no livro com um de seus murais denominado “*Macumba*”, também conhecido como assemblages, que seria a acumulação de objetos do cotidiano, está obra assemelha-se a um altar que traz referências das religiões afro-brasileiras contribuindo para o debate acerca de nossa ancestralidade negada.



No é feita uma contextualização da história de vida de Bispo do Rosário como podemos observar no trecho a seguir:

O artista sergipano Arthur Bispo do Rosário (1909-1989), que durante muitos anos viveu incluso em um hospital psiquiátrico no Rio de Janeiro, utilizou todos os materiais a seu alcance para reconstruir o mundo segundo sua visão. No trabalho que chamou de Macumba, ele articulou objetos e sentidos, representando de forma sintética, numa espécie de altar, as religiões afro-brasileiras. (MEIRA; PRESTO; SOTER. 2016. P. 51).

Partindo da perspectiva do ensino de história compreendemos que para além da obra se faz necessário uma breve abordagem sobre a biografia de Bispo do Rosário, nascido em Japarutuba – Sergipe tinha aproximadamente 30 anos quando foi registrado no Hospital de Alienados, no dia 24 de dezembro de 1938 foi o auge da crise psíquica no centro do Rio recolhido pela polícia e levado ao hospício da Praia Vermelha, foi transferido no dia 25 de janeiro de 1939 para Colônia Juliano Moreira “No isolamento, a arte mais brotava das mãos endurecidas pelos excessos de boxe do passado e artrite ao longo dos anos” (Hidalgo. 2011, p.22). Aos poucos foi ganhando respeito e reconhecimento dentro do pavilhão onde exercia o papel de xerife na organização e recolhia objetos para elaborar suas obras.

Para compreender o percurso até a fundação do espaço onde bispo viveu abordaremos a assistência feita aos alienados, fundadora das colônias “São Bento” e “Conde de Mesquitas” localizadas no Galeão – Ilha do governador no ano de 1890 precursoras no tratamento de doentes mentais, mas ao longo dos anos enfrentava o aumento expressivo de pacientes sem gozar de ampla estrutura física realidade retratada nas considerações do Doutor João Augusto Rodrigues de Calda em 1909 tornou diretor, suas inquietações culminavam no desejo de mudança para um local mais amplo e que entendesse as necessidades de seus auxiliares (conforto) e melhor tratamento aos doentes.

O diretor Caldas direcionou seu olhar para fazenda do engenho novo localizada em Jacarepaguá - RJ, pois correspondiam suas expectativas “cuja área tinha o total de 150 alqueires de terras, inclusive matas, vargens, rios, cachoeira, represa e benfeitorias. (GOUVEIA, 2/7;1966). No dia 29 de março de 1924 seria instalada a nova colônia desloca-se os doentes oriundos de “São Bento” e “Conde de Mesquitas” fechadas pela superlotação, agora gozando de amplo espaço e boa estrutura física. Juliano Moreira importante psiquiatra acreditava que o caos urbano era o responsável pelo aumento da loucura na modernidade e



fundou as colônias como método que retomava o trabalho no campo como forma de cura e conseguiu humanizar os tratamentos retirando as grades de ferro das janelas e abolindo a camisa de força.

O contexto que antecede a fundação da colônia Juliano Moreira revela o papel e a relevância da prática médica compreendida no livro “*O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*” de Lilian Moritz Schwarcz (1993), no sexto capítulo intitulado “*As faculdades de medicina ou como sanar um país doente*” a autora destaca a influência do discurso médico na busca pela originalidade brasileira demonstrando as diferenças e semelhanças entre a faculdade de medicina da Bahia e a faculdade de medicina do Rio de Janeiro através das descobertas e estudos de doenças.

Assim, se a discussão sobre a higiene pública (que implicava uma grande atuação médica no dia a dia das populações contaminadas por moléstias infectocontagiosas) mobiliza boa parte das atenções até os anos 1880, nos anos 1890 será a vez da medicina legal, com a figura do perito – que ao lado da polícia explica a criminalidade e determina a loucura -, para nos anos 1930 ceder lugar ao “eugenista”, que passa a separar a população enferma da sã. (SCHWARCZ, 1993; p. 248)

A eugenia concede a culpa da degeneração das raças à miscigenação e foi usada como justificativa de várias doenças expondo o racismo existente dentro do núcleo médico, como afirma SCHWARCZ “*Na ótica médica o objetivo era curar um país enfermo, tendo como base um projeto médico-eugênico, amputando a parte gangrenada do país, para que restasse uma população de possível perfectibilidade*” (1993, p.249). Essa concepção penetrava na faculdade de medicina da Bahia tendo em vista o cruzamento racial como justificativa para a criminalidade, a degeneração e loucura, para os médicos cariocas o simples convívio com as diferentes raças era responsável pelas doenças, portanto era necessário criar espaços distintos para uma parcela da sociedade que não correspondia à perfectibilidade e é nessa parcela que Bispo do Rosário se insere.

Enquanto artista negro e esquizofrênico, Bispo do Rosário foi esquecido do cenário artístico do Brasil por um bom tempo, e sua aparição nos livros didáticos de educação artística é de fundamental importância, tornando-se um marco, pois rompe com a ideia de que artistas brasileiros só pertencem a elite branca brasileira. Filho de indivíduos que foram escravizados, marginalizado por sua cor, pobreza e diagnóstico psiquiátrico sua obra contribui para inovar



no ensino da história da cultura afro-brasileira e africana por meio da Arte, assim como sua própria história de vida, que conversa com a realidade de muitos brasileiros; Segundo Pierre Francastel “É indispensável que se tenha em conta o fato de que a arte, o modo figurativo, é tão natural e necessário às sociedades quanto a linguagem discursiva e escrita.” (FRANCASTEL, 2015, p. 35).

Mais do que a representação da realidade, a obra de Bispo do Rosário é resultado do seu pensamento figurativo, assim o que está posto em sua obra é o seu olhar sobre o mundo. A obra de Bispo do Rosário traduz sua forma de pensar o mundo, por isso ela não representa, mas figura seu pensamento. Nesse sentido, não é possível estudarmos a sua obra dissociada de sua vida e das conjunturas socioculturais que o cercam e conseqüentemente o constitui enquanto ser social. Nesse sentido, a relação entre história e loucura e história e arte são fundamentais para compreender esse personagem intrigante, ambas situadas no campo historiográfico da história social da cultura.

Entendemos a loucura nesta pesquisa a partir de Michel de Foucault, para o qual a loucura é um momento difícil, porém essencial, na obra da razão, através dela, e mesmo em suas aparentes vitórias, a razão se manifesta e triunfa. A loucura é, para a razão sua força viva e secreta. O autor ressalta que no momento que corresponde à experiência renascentista da loucura (séculos XV e XVI) a loucura é um saber, uma das próprias formas da razão. Um saber fechado, esotérico, mas que prediz e manifesta a realidade de um outro mundo, e nos entrega o homem essencial, que em sua natureza íntima é furor e paixão. Nesta medida, loucura e razão entram numa relação eternamente reversível que faz com que toda loucura tenha sua razão que a julga e controla, e toda razão sua loucura na qual ela encontra sua verdade irrisória.

Quando as discussões acerca da história da arte nos fundamentamos, sobretudo, no trabalho de Pierre Francastel. Para Francastel, a arte não se encontra necessariamente nas obras que se propõem como finalidade o Belo. Não só, não basta querer criar para consegui-lo, mas é uma ilusão acreditar que seja possível criar diretamente a beleza. Consideramos como belas as obras mais carregadas de sentido, aquelas que a posteriori transportam os valores mais altos de uma cultura seja no domínio das técnicas seja no das ideias. O belo não é anterior à obra, não está dado, o belo não é fixo e não constitui uma finalidade, o belo é constituído à medida que ganha significados por parte do artista. A arte confere uma significação suplementar a objetos cujo modo de existência não é determinado por ela. Isto



vale tanto para as obras puras da imaginação como para os objetos materiais, temas ou até mesmo personagens, tornados portadores de uma mensagem por uma determinada sociedade.

Nesta conjuntura teórica metodologia é que propomos o ensino de cultura afro-brasileira por meio da obra de Bispo do Rosário e uma análise crítica da forma como esse artista é trabalhado no livro didático *Percursos da Arte* que, por sua vez, proporciona um contato com obras de artistas negros e brasileiros ainda pouco explorado. Vale ressaltar, que o acervo de Bispo do Rosário contendo 805 peças foi tombado como patrimônio material do Brasil pelo IPHAN no dia 19 de setembro de 2018, dessa forma acreditamos que o contato com as obras de arte desse artista que ganhou destaque na arte contemporânea pode fomentar nos alunos a identificação como sujeitos históricos, um personagem que vem do povo, do sertão carioca, com a ancestralidade de seus pais ex-escravizados, o conhecimento sobre a cultura afro-brasileira, o fortalecimento da construção de uma identidade negra e consequentemente o combate as práticas de intolerância, seja religiosa ou racial.

#### REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, A. G. **Colônia Juliano Moreira: Sua origem e um pouco de sua trajetória histórica.** Rio de Janeiro, v12, p. 161-169, 1966.
- FRANCASTEL, P. **Sociologia da Arte: A realidade figurativa.** São Paulo. Ed. Perspectiva,2015.
- HIDALGO, L. **Arthur Bispo do Rosário: O senhor do labirinto.** 2º ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- MEIRA, B. PRESTO, R. SOTER, S. **Percursos da Arte:** volume único: ensino médio. 1º ed. São Paulo. ED. Scipione,2016.
- NADAI, E. **Revista Brasileira de História: O Ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva.** São Paulo. V.13. SET. 92/ago. 93.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez. 2004.
- RODRIGUES, R. A. **A poética de Arthur Bispo do Rosário:** Compêndio de encantamentos do mundo. Jundiaí. Paco editorial: 2014.
- SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.